

A Coluna do Kina

UM LAPSO NO TEMPO

A lapse in time

Sidney Kina

2 de maio de 2020. Faz 44 dias que estou em isolamento social. A quarentena em Maringá, no norte do Paraná, onde resido, foi decretada no dia 20 de março, com toque de recolher entre 21h e 6h. Poderia dizer que, quando a história se encarrega de fazer um roteiro, o faz maravilhosamente bem. Deixe-me contextualizar.

Tudo começa com um vírus. O que é um vírus? O nome “vírus” vem do latim, *virus*, que significa “veneno” ou “toxina”. Biologicamente, são pequeníssimos seres infecciosos, submicroscópicos. São estruturas tão “simples” que nem são considerados organismos, pois não possuem organelas ou ribossomos, e não apresentam todo o potencial bioquímico necessário à produção de sua própria energia metabólica. Por isso, são parasitas intracelulares obrigatórios (característica que os impede de serem considerados seres vivos), pois dependem de células hospedeiras para se multiplicarem. Além disso, diferentemente dos organismos vivos, os vírus são incapazes de crescer em tamanho e se dividir. É a partir das células hospedeiras que os vírus obtêm os aminoácidos, nucleotídeos e a maquinaria de síntese de proteínas (ribossomos) para ter energia metabólica. Assim, fora do ambiente intracelular, os vírus são inertes. Entretanto, uma vez dentro da célula, sua capacidade de replicação é surpreendente: um único vírus é capaz de se multiplicar em poucas horas em milhares de novos vírus. Com a capacidade de infectar seres vivos de todos os domínios, representam a maior diversidade biológica do planeta, sendo mais diversos que todas as bactérias, plantas, fungos e animais juntos. Dentro dessa megadiversidade, há uma família de vírus, conhecida desde 1960, que recebe ironicamente o nome de coronavírus, porque apresenta uma estrutura em forma de coroa. Em geral, eles circulam apenas entre animais, como morcegos, aves e roedores, mas podem passar a infectar outros animais quando sofrem mutações espontâneas e aleatórias, o que os permite infectar outros hospedeiros fazendo um *spillover**. Em humanos, os coronavírus são a segunda principal causa da influenza, atrás dos rinovírus, mas a maioria não causa doenças mais graves do que o resfriado comum. Contudo, existe uma espécie de coro-

navírus chamada de SARS-CoV, que é responsável por doenças respiratórias graves, geralmente abreviada como SARS (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome* – Síndrome Respiratória Aguda Grave). Atualmente, uma variação da espécie coronavírus SARS-CoV, conseguiu fazer um *spillover*, criando uma cepa denominada SARS-CoV-2, que causa a doença Covid-19 (*COrona Vlrus Disease*, 2019 – Doença do Coronavírus, 2019). Esse vírus foi notificado pela primeira vez em humanos no final de 2019, na cidade de Wuhan, a sétima maior cidade da China, e em 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre a possibilidade de existência dessa nova cepa de coronavírus. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado o novo coronavírus – SARS-CoV-2. Em 22 de janeiro de 2020 foi discutido por um comitê de emergência organizado pela OMS se o incidente constituía uma emergência de saúde pública de âmbito internacional (PHEIC), de acordo com os regulamentos internacionais de saúde, mas a decisão foi adiada por falta de informações. Porém, observando um espalhamento rápido do novo coronavírus, em 30 de janeiro de 2020 a OMS declarou o surto uma PHEIC, pedindo que “uma ação coordenada de combate à doença deveria ser traçada entre diferentes autoridades e governos”. Apesar disso, na primeira semana de fevereiro de 2020 o número de mortes causado pelo Covid-19 ultrapassou 800, superando o SARS, que matou 774 pessoas em todo o mundo entre 2002 e 2003. Posteriormente, no mês de fevereiro, o número de mortes subiu para mais de 1.400, e ultrapassou 3.000 em março, quando, no dia 11 daquele mês, a OMS declarou o surto como pandemia, sob a justificativa de que o vírus já havia encontrado um ponto de apoio em todos os continentes.

Hoje, de acordo com a OMS, o número de infectados pelo novo coronavírus ultrapassou 3 milhões no mundo e levou a óbito mais de 210 mil pessoas. Além disso, os efeitos colaterais da pandemia incluem instabilidade social e econômica, com queda acentuada do mercado global de ações, com previsão da maior recessão mundial desde a Segunda Guerra, exacerbando

ção da xenofobia e do racismo, disseminação de *fake news* e de diversas e elaboradas teorias da conspiração, fechamento de escolas e universidades em pelo menos 115 países, afetando mais de 1,6 bilhão de estudantes, com aumento recorde do desemprego no mundo. No Brasil, além de tudo isso, instaura-se uma grave crise política, com queda de ministros e pedidos de impeachment contra o presidente da república.

Agora são 21h. Estou em casa, no escritório, escrevendo esta coluna, e a partir daqui só posso especular. Logicamente, não me atrevo a determinar diretrizes de como será o mundo pós-pandêmico, mas apenas prospectar através de meus sentimentos e anseios. Vejo pela janela uma cidade inteira mergulhada em silêncio, com sentimentos amalgamados de medo e perplexidade. Poderia, então, começar roubando letras de Neruda e dizer que *“posso escrever os versos mais tristes esta noite”*, mas, confesso, não tenho essa propensão melodramática, e nem sei se seria adequado. É verdade, nunca vou esquecer a cidade silenciosa, mas tampouco vou esquecer o sentimento de solidariedade crescente, estranhamente alicerçado na ausência do encontro e do convívio. Procuo, portanto, um sentido em tudo o que está passando, sem as amarras do pessimismo que paralisa, e muito menos do otimismo infantil que nega a verdade das coisas. Acredito firmemente num propósito espiritual por trás de tudo o que acontece, e esse lapso do tempo que aprisiona tem tornado visível faces que preferimos esconder e esquecer, demonstrando como a sociedade está doente, presa em egocentrismo, consumo e idolatrias descabidas. Dessa forma, adverte-se pela necessidade do restabelecimento da ordem dos valores, lembrando a todos que saúde vale mais que dinheiro, que compartilhar é mais importante que acumular, que conhecimento é mais importante que beleza, que achismo não é igual a ciência, que verdadeiros amigos (embora poucos) valem milhares de vezes mais que milhares de seguidores e que um monte de *likes* são nada perto de um abraço fraterno. A pandemia demonstra claramente como fronteiras só existem nos mapas e que o mundo é um só, e que mulher, homem, católico, evangélico, mulçumano, espírita, budista, monoteísta, politeísta, pagão, branco, preto, amarelo, vermelho, rico, pobre, anglo-saxão, asiático, africano, latino, índio, homo, hetero, trans ou qualquer classificação de grupamento somente são formas de segregação – somos todos seres humanos, com as mesmas fragilidades, e se algo afeta uma pessoa, afeta outra também, e, por consequência, cuidar do outro significa cuidar de si mesmo. Todos vivemos juntos sob o mesmo céu – e a duras penas aprendemos que respiramos o mesmo ar. Entretanto, como tudo, isso vai passar. Em alguns anos, serão apenas lembranças gravadas nos livros de história, e, sabe, não creio que muitas coisas devam mudar. Como sempre, temos a tendência de voltar à nossa zona de conforto e esquecer. Não é da nossa natureza aprender com os erros. Apesar de já termos

passado por outras pandemias, por guerras, por discriminação e tantos outros sismos, continuamos a ignorar as possibilidades de novas doenças, continuamos a fazer guerras e a segregar os “diferentes”. Por fim, precisamos nos esforçar e aprender a lição. O Covid-19, creio, está nos propondo que isso pode ser o encerramento de um ciclo e o começo de outro. Uma chance de começar de novo como sociedade, num esforço global de aceitar as diferenças, cada qual com o seu esforço, aliviando o esforço alheio, contribuindo para o sucesso geral e tornando possível a existência de todos.

Agora já são um pouco mais das 4h da manhã do dia 3 de maio de 2020. Estou encerrando esta coluna. Não sei exatamente em que momento no futuro você está lendo este texto, mas tenho esperança de que tudo já tenha passado. Que o número de infectados, as expectativas do desastre econômico e, sobretudo, o número de mortos tenham sido muito aquém das previsões. Especialmente, espero que as lições não tenham sido efêmeras, que tenhamos saído mais sábios, espiritualmente mais fortalecidos, e como sociedade mais justos e unidos, como expresso nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, *“pois as coisas findas, muito mais que lindas, estas ficarão”*.

* *Spillover* é um termo em inglês que pode ser traduzido como transbordamento e é usado no contexto da biologia para dizer que um vírus ou micróbio conseguiu se adaptar e migrar de uma espécie de hospedeiro para outra.

PARA SABER MAIS

David Quammen. *Spillover: Animal Infections and the Next Human Pandemic*. W.W. Norton & Company, 2012.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br